



SUL-AMERICANO

ORGÃO IMPARCIAL

Estado de Santa Catharina

ANNO IV | Propriedade de uma Associação ||

Florianópolis, 22 de Setembro de 1902

Redacção: Rua Trajano n. 10 B

Redactores Diversos | NUM. 151

A inundação de Blumenau

1880

Fazem vinte e dois annos que a florescente colónia de Blumenau, hoje cidade, foi flagellada por uma medonha inundação.

O rio Itajahy, que a banha, impotente para conter entre as suas altas barrancas as águas que as chuvas equinoxiaes haviam fartamente despejado por sobre as serras onde elle tem as suas cabeceiras, e que rapida e furiosamente atiravam-se para o oceano, estendeu-se pelas regiões adjacentes, ameaçando aniquilar em curtas horas o fructo de tantos annos de perseverante labor.

A chuva começou a cahir em Blumenau a 19 de Setembro, fraca mas continua. No dia seguinte as águas chegavam à altura da ponte do Garcia, e nessa mesma noite, augmentando rapidamente de nível, começaram a sua obra de devastação.

Ao amanhecer de 21 era terrível o quadro que se apresentava aos olhos do espectador. Os habitantes surpresos, aterrorizados, apinhavam-se nos pontos elevados, sobre os tectos das suas habitações já quasi totalmente imersas nesse revolto mar, onde via-se fluctuarem, á mercê da impetuosa corrente, animaes, moveis, troncos de arvores, etc.

Felizmente lá se achava o pequeno vapor *Progresso*, cujo commandante, o nosso humanitario patrício Jacintho Cecilio da Silva Simas, empenhou-se logo desde o amanhecer em prestar os soccorros ao seu alcance.

Vencendo os maiores perigos, conduziu elle toda essa pobre gente para os pontos mais altos, onde estão a egreja cathólica e o templo protestante.

A 22 ainda as águas subiam, ainda o *Progresso* continuava na sua nobre faina de transportar habitantes, de salvaguardar mercadorias de muitas casas commerciales.

Até 25 conservaram-se as águas no seu maximo de altura. Só a 26, pela tarde, começaram a manifestar-se signaes de baixa, e ellas foram gradualmente descendo ao seu nível habitual.

Então, tendo voltado a confiança ao laborioso povo de Blumenau, quiz elle logo patentear a sua gratidão ao seu salvador, áquelle que durante cinco dias, esquecido de si proprio, — só havia pensado em salvar a vida dos outros.

Simas foi delirantemente carregado ao collo pelas moças das principaes familias da colónia, na distancia de 150 metros, para a residencia do sr. Friedenreich, onde foi alvo da mais sincera manifestação.

Honroso documento de gratidão lhe foi entregue, assignado pelo dr. Hermann Blumenau, director da colónia, e por todos os moradores.

O governo imperial, ao ter conhecimento de tão valiosos serviços, apressou-se em collocar-lhe no peito a medalha humanitaria.

Ao relembrarmos hoje esses dias de angustias para Blumenau, aproveitamos o ensejo para saudar o nosso concidadão Simas, e desejar-lhe as felicidades que devem gozar os corações bemfazejos.

Sobre o mesmo assumpto honramos as nossas columnas com a reprodução da magnifica poesia que no «Despertador» de 6 de novembro daquelle anno, publicou o nosso distinto colaborador sr. Alfredo Theotonio da Costa, poesia que foi muito apreciada pelos litteratos da epoca, entre elles o dr. Escragnolle Taunay, que ao auctor dirigiu uma missiva louvando-o pelo seu primoroso trabalho.

HONTIEM E HOJE A INUNDAÇÃO DO ITAJAHY

Elevaverunt flumina fluctus
suos, a vocibus aquarum multarum.

(Ps. xcii, v. 3.)

I

Si é grato descrever da Patria amada
Os dias de prazer, de ingente glória,
Dos heróes registrar em letras de ouro
Altos feitos nas paginas da Historia;

Si o peito se entumece jubiloso
E noss'alma se expande radiosa,
Ao ver que triunphante ella caminha
Do progresso na senda explendorosa:
Que de angustias, acerbos sofrimentos
Irão no coração do que estremece
O dilecto torrão em que ha nascido,
Ao ver os duros males que padece ! ...
Co'a mente conturbada, o peito oppresso,
Embalde tentarei d'esses horrores,
De que foi presa um povo todo inteiro,
Traçar o negrio quadro de amargores...

II

Na plácidez da ventura,
Que a benefica natura
Dá ao sólo brasileiro,
Na plaga catarinense,
O povo itajahyense
Era todo prazenteiro.

Qual a não que se deslisa
Impellida pela brisa
Sobre o mar unido e quedo,
Assim corriam seus dias
Entre as doces harmonias
De um viver feliz e ledo.

Do trabalho a lei superna
Era alli divisa eterna,
Desejada Promissão;
A laboura progredindo,
As artes iam seguindo
Seu luninoso clarão.

E quando a noite descia
E aos lares se recolhia
O ditoso agricultor,
Da choupana no terreiro
Logo via elle primeiro
Os seres do seu amor.

No firmamento irradia
O fulgente astro do dia;
E, qual adormido infante,
No seu leito transparente
Se deslisa mansamente
O caudoso gigante.

A ridente natureza,
Imponente na grandeza,
Se ostentava então alli;
Era tudo amôndade,
Vida, amor, felicidade
No valle do Itajahy.

III

Dos mortaes é bem triste a varia sorte!
Onde domina a vida impera a morte!
Tristuras e prazeres...
Os gozos e deleites são fugaces,
E só no mundo as dores são vivazes
Para os humanos seres!

Parece que, ciosa a natureza
De haver seus bens doado com larguezas,
Os quer arrebatar;
E, privando da posse os seus senhores,
Em permuta dos risos dâ-lhes dores,
Para velos chorar!

Tal é do Itajahy o caso triste,
Que a minha rude pena inda persiste
Em carmes referir;
Successo que no novo continente
Não encontra outro igual que se apresente
E pos a competir.

Das represas sahindo impetuosos,
Se estendem pelo espaço borrascosos,
Devastadores ventos;
Negras nuvens em sequito os cortejam
E os paramos celestes já negrejam
Em horridos concertos.

Sem detença condensam-se os vapores...
A luz desaparece... só fulgores
Tem a feia procella...
Enormes catadupas lá se geram,
E vindo sobre a terra logo operam
A dor e a morte n'ella ! ...

O gigante, que então alli zia,
Levanta-se do leito em que dormia
E altivo o collo eleva;
O egypciano irmão além divisa...
Vê d'elle a iundação que fertilisa
E a terra sobreleva!...

Horriv. o spectaculo se offerece
Então aos tristes incolas! Parece
O globo liquefeito!
Veloz conduz no orso a correnteza
Tudo quanto a benigna natureza
Ali houvera feito ! ...

Nas ruidosas águas, qual faldão,
Do inditoso colono além fluctua
A cara habitação!
Já perdido tem elle o manso gado...
E o tesouro que a terra lhe ha dado
Destroí a iundação!

Agora enegreceram tristes cores
O luctuoso quadro de amargores,
Difficil de pintar!
Do immortal Alencar a illustre pena
Esta tão afflictiva e mesta scena
Só podera narrar.

Ao longe se destaca no horizonte
Um volume, que indica ser do monte
Desprendido torrão...
Sobre o dorso caudal eil-o vogando...
Ahi vejo do isentes definindo
Em penosa afflitione!...

Aqui ora fluctua fragil berço,
Cujodono talvez já esteja immerso
No seio da corrente!
Mas... não!... escolheu Deus aquelle asylo
Para n'ele salvar, como no Nilo,
Um gentil inocente!...

E aquelles, qu'no vórtice das águas
Se debatem além entre mil magoas,
Dos dias são-lhe autores...
D'elles hontem gosou in la as ternuras,
E, tão teoro, já trava hoje as agruras
Do calice das dores!...

Tal é do Itajahy o caso triste,
Onde a pobreza agora só existe,
O pranto, o assolamento...
A obra em tanto tempo levantada
De todo destruída, aniquilada
Foi em breve momento!!!...

PANTHEON GATHARINENSE

XI

Silvio Pellico de Freitas Noronha

NÓS, A NATUREZA E DEUS.

Breve esboço

OFFERECIDO A UM AMIGO

Grandezza do eterno, reproduzida por cada planta, que cresce; por cada flor, que viceja; por cada onda, que bate; Poder do Creador, que é conhecido docemente, por cada vida, que esplende; por cada luz, que se expande; por e da aurora, que desponta,—como tão sublime, como tão bella merece o homem a gloria da tua semelhança!...

Deste-nos a luz de um sopro grandioso: somos intelligencia; deste-nos o poder de aspirar e ir até vós: somos dignos do céo; deste-nos uma alma: pensamos; deste-nos uma luz: somos homens, somos reis no universo.

E que mais queremos, Creador de tudo, que mais queremos se a tua sabedoria nos constituiu templo e templo de um culto tão subido!...

O homem, o unico valor, a intelligencia entre as de mais obras, o homem, para quem o universo varia suas scenas, o céo suas formas, o homem deve ouvir a voz do infinito, que o engrandece e o exalta....

O homem, a unica gloria, o canto intelligente, cujo coração aspira, cuja alma comprehende, o homem é o assento da virtude, da gloria e do amor.

Ser intelligente, reanimar te... és homem, aspira e segue!...

Tu, onde a luz soprada do infinito tem constituido um mundo, um céo todo de belleza, onde Deus entorna suas luces, onde a terra deixa suas flores!... tu, nós não devemos cessar...

Lancemos uma vista ao universo, vejamos suas obras.... recendem todas perfumes, luz e harmonia....

Que belleza na flor, que viço nas plantas, que grandeza na floresta, que sublimidade nos mares!...

Vês, tudo isso é obra de um só: tudo isso é producto do céo; por qualquer parte que passemos nossos olhos, por qualquer ponto que passejemos nossas vistas, vemos prodigios neste mundo surgido do chaos pelo fat grandioso de Deus... a verdade se nos revela a cada instante, cada planta, cada flor, cada onda é um assento sublime de sinceridade.

Só Deus explica isto tudo: à sua voz surgió...

Attendemos nossas vistas. Sabemos que os olhos do corpo nada vêem alem da superficie do objecto, é indubitavel—podemos muito tempo contemplar uma flor, olhar as suas folhas, admirar a sua forma, ver sua belleza, achá-la portentosa, sorver o seu perfume, mas... não podemos, de certo, dar uma idéa clara do que vimos, se faltou a analyse da nossa contemplação, isto é, se nos contentámos só com a belleza da forma e não fomos buscar no fundo aquella, sem duvida, mais sublime, que se esconde aos olhos da materia e só se abre às vistas attentas do espirito.

Portanto, cumpre de necessidade que nós dignos de aspirar a um estado mais nobre, mais bello, e mais divino, onde a luz do espirito se torna mais viva, mais forte, e mais brillante, onde a gloria se irradia e a vida se ennobrece—tenhamos vontade e esta vontade seja rica de fé, crença, e valor!...

Sim, recreemo-nos, divinisemo-nos, por assim dizer, olhando as obras do Universo, onde a cada instante se preparam hymnos, se tecem louvores ao céo....

Sim, fixemos ahi nossos olhos, sejam elles o assento grandioso e vasto da nossa attenção!...

Quereis poesia, eloquencia, virtude e sabedoria?... eil-as! olhai... vede os mares como se estendem na sua superficie, como se embalam suas ondas docemente sorrindo no seu dorso!... vede a terra!... vede as flores! como vicejam nos prados!... que belleza!... que cores! que formas tão bellas!... vede aiada a terra, vede-a na produçao, que não cança: cada dia brota novas vidas, novos seres... agora... contemplai as fontes, estas águas, que correm entre a verdura e ameigam tanto no deserto; vede a solidão como parece attenta ao seu murmúrio tão doce, tão bello e tão cheio de poesia!... vede como tudo é bello!... considerai, considerai, agora, aqui ao doce murmúrio da fonte, ao susurro brando do zephyro, que de vezes a triste avesinha vem trocar suas dores pelo delicioso do silencio, escutar mais de perto este concerto tão preciso... ah! quanta grandezza!... quanta belleza, meu amigo!...

Mas alem as flores vicejam, os seus perfumes suavissim, porque não participam dos ares do mundo... alli tudo é pureza... tudo é amor!...

Attendei, attendei a estas maravilhas e conscio da verdade que as faz tão grandes, mandai vossa alma reconhecer Deus e submissa adorá-lo... porém... aqui não parem ainda nossas vistas, contemplemos mais um pouco... escutae, e levai vossa alma mais além, não ouvis um barulho?... são as cascatas, que se apressam; attendei, as águas que as formam enraivam-se medonhas na sua carreira; sua marcha não demora: tudo em si é cheio de vida, de nma força que não cessa: algum principio anima: alguma força as alimenta: é infallivelmente Deus.

1867

Agriol

Nos primeiros dias do mez corrente horríssimo terremoto destruiu a grande ilha Toshiua do norte do Japão.—Dos seus numerosos habitantes, não consta que um só fosse salvo.

As ondas abriram-se e enguliram tudo a ilha desapareceu e bem assim todos os navios, botes e embarcações.

NUPCIAS

Com o nosso conterraneo alferes Horacio de Bittencourt Cotrim, consorciou-se sábado ultimo, a exma. joven d. Eulalia Chaplin, chefe da Western Telegraph Argentina da Costa, dilecta filha do cidadão Companny Thomaz Cardoso da Costa.

O Acre

El Diario de Buenos Ayres diz que, ao que lhe parece, não terão absolutamente resultado as tentativas do Brazil para obter da Bolivia a modificaçao ou a rescisão do contracto do Acre, sendo de certo muito duvidosa a intervenção amistosa da Republica Argentina.

Affirma o referido jornal que o governo do general Pando, com o contracto do Acre, deu o primeiro passo para estreitar as suas relações com o governo de Washington, o que deseja apaixonadamente realisar para exercer influencia decisiva na America do Sul.

Em Recife a mocidade academica realizou um meeting para protestar contra a intervenção dos Estados Unidos na questão do Acre.

O MERCANTIL

A 20 do corrente passou o 2º anniversario do nosso distinto collega *O Mercantil*, que por esse motivo deu uma edição especial.

Nossos parabens.

O nosso amigo João Bonfante Demaria acaba de ser nomeado agente, nesta capital, do interessante semanario ilustrado *Caras e Caretas*, que se publica em Buenos-Ayres.

PARABENS

Fe fejaram os anniversarios natalicios: ante-hontan, o nosso distinto patrício coronel Elyceu Guilherme da Silva e sua gentil filhinha Rachel; a exma. sra. d. Anna Paulina Nunes Pires e o nosso amigo Frederico Selva; hontem o nosso collega José de Araujo Coutinho, redactor chefe d'O Dia.

Tambem fe fejam seus anniversarios: hoje, a exma sra. d. Maria J. se Costa, virá sua esposa do nosso companheiro Francisco d'Assis Costa, editor deste periodico; amanhã, 20 nosso amigo Joaquim Coelho Subrinho; a 24, o travesso Orlando, filhinho do nosso amigo Elmoundo Dantas Fernandes, e a 25, o nosso amigo e colaborador Dr. Genúino Vidal.

20 DE SETEMBRO

A sociedade «Fratellanza Italiana» comemorou a 20 do corrente, com uma sessão solemne, o anniversario da entrada triunfante em Roma das forças libertadoras.

De Itajahy chegou ante-hontan o nosso conterraneo Luiz da Silva Pinto, que vem servir na estação telegraphicá desta capital.

Da capital federal chegou o nosso ilustre conterraneo coronel Elyceu Guilherme da Silva

Cumprimentamolo.

Falleceu nesta capital o sr. Antonio Cae-tano Vieira, sogro do nosso amigo W. B. Sabbado ultimo, a exma. joven d. Eulalia Chaplin, chefe da Western Telegraph Argentina da Costa, dilecta filha do cidadão Companny.

Nossos pesames,

Sonata d'alma

XXI

Como era natural—a queda de Raul assustara d. Miguel e Sr. Brighton, que lamentavam o desastre de que fôra vítima o moço.

Osilhêos, porém, com grande assombro dos companheiros, disseram-lhes com toda a calma:

—Os senhores não se assustem. Conhecemos o local e, por varias vezes, em companhia de sabios que têm aportado ás nossas plagas, em excursões scientificas, descemos, por varias vezes, a cratera, até á distancia de 8 metros de profundidade. Descanceem, pois. Salval-o-hemos.

E, sem mais perda de tempo, contornaram a cratera, embora com dificuldade, em demanda do unico lugar por onde podiam descer ao medonho abysmo.

Como todos os vulcões—o de Teneriffe tinha salinências bastante sensíveis, e era por essas salinências, que serviam de degráos, que os ilhéos, por mais de uma vez, haviam penetrado no vulcão.

Com a coragem propria dos espíritos habituados a affrontar os perigos—os dois homens foram se internando no precipicio.

Já se achavam a seis metros de profundidade, quando elles depararam com o corpo de Raul, estendido sobre a salinencia de um grande bloco.

Como cabritos montezes—os ilhéos saltavam de pedra em pedra, até que chegaram junto ao corpo do infeliz moço.

Este não dava signal de si.

Com a queda havia quebrado a cabeça e as mãos, além de ligeira escoriação, apresentavam varias echymoses.

Previdentes—os ilhéos traziam consigo um pequeno frasco com ether, que Raul aspirou, no estado de inconsciencia em que se achava.

Abrio por fim os olhos, indo pouco e pouco recuperando os sentidos. Parecia, porém, alheio a tudo quanto via.

FOLHETIM

PINHEIRO CHAGAS

TRISTEZAS A' BEIRA-MAR

V

Conta-me a tua vida na cidade, os teus folguedos, os teus amores...

—Amores! tornou Magdalena, sorrindo-se amargamente.

—Monito! querem ver que em Lisboa não houve quem ficasse louco de paixão por estes olhos tão meigos, por estas faces de neve, por estes labios de rosa!

—Ai, Leonor! continuou Magdalena, unindo as mãos, não te disse eu que a fatal ade me acompanhava! Nossa tia, a quem sempre sorria a fortuna, só teve contrariedades depois de me receber em sua casa, e para o fim da vida, coitada, os desgostos haviam-lhe azedado o genio. Foram tambem annos de tortura os que me serviram de transição da infancia para a adolescencia. Não me pergunte o que são

Depois de alguns momentos um dos naturaes do paiz perguntou:

—O que sente?

—Dôr na cabeça....

—Não poderá erguer-se?

E Raul fazendo pequeno esforço sentou-se.

Em grande anciedade estavam o Sr. Brighton e D. Miguel, que não viam o que se passava no interior do vulcão.

Raul ia melhorando e quando se julgou capaz de sahir d'aquelle abysmo, que seria sua sepultura, si não tivesse encontrado na queda a providencial pedra que o ampararia, levantou-se, dirigindo-se aos seus companheiros:

—Preciso sahir d'esta mansão de paz e de horror !....

Então os ilhéos, tomando as precauções necessarias e affrontando novamente os perigos, guiavam Raul que, com custo, ia deixando aquelle horrifico logar...

A dois metros apenas achava-se abaixo do solo e, mais um esforço, estaria salvo.

E, effectivamente, decorridos alguns instantes, os ilhéos e Raul estavam fóra do tetrico abysmo.

Já respiravam ar puro, já viam a seus pés a cidade de São Luiz, entregue aos labores da vida quotidiana.

E, contornando a cratera, foram ao encontro de D. Miguel e sr. Brighton.

A alegria destes, vendo Raul, foi immensa.

Mas não havia tempo a perder.

O vapor já devia ter feito os reparos necessarios e, portanto, trataram, desde logo, de descer a montanha.

A noitinha chegavam todos ao hotel, onde encontraram o sr. Kugel, em companhia de suas filhas.

—Receiamos que perdessem o vapor. Tardaram tanto....

—A que horas então sae o paquete? perguntou D. Miguel.

—A meia noite, disse a linda Mathilde.

—Qual a causa de tanta demora? inquiriu Clara a D. Miguel.

amores, Leonor; pergunti-me ó que são tristezas! E Magdalena, cuja organização, extremamente nervosa, estava exaltada pela influencia electrica da tempestade e pelas recordações que invocava, sentiu os olhos marejarem-se-lhe de lagrimas.

—Tanto melhor, acudio Leonor com jovialidade; virá o amor depois das tristezas, como os passaros cantam depois da procella. E, se não tiveres quem te requeira, seréi eu mesma que me vestirei de pagem e que virei passar por baixo das tuas janellas. Contanto que eu não mate o meu noivo, como s'elei à donzella da caçao, com que te embalava, quando eras pequenina. Lembras-te?

Nós eramos tres irmãs,
Todas tres de um igualhar;
Uma ensinava á outra
A coser e a bordar.

—Se me lembro! respondeu Magdalena, sorrindo-se por entre lagrimas. E, depois, eu não quaria dormir e chorava enquanto me não contavas a historia tua. Tu entã querias representar as vivo e querias que eu fizesse o papel de D. Aleixo.

—E, verda! tornou Leonor, batendo as palmas; eu cemeçava a pispear por deante do teu leito, dizendo:

Das tres irmãs que aqui moram
A qual hei de namorar?

—Ah! minha senhora, iamos perdendo um companheiro.... Que desgraça!

—It was a misfortune, indeed! disse o sr. Brighton

—E qual o companheiro? perguntou Mathilde com certa anciedade.

—Raul, respondeu D. Miguel.

—Raul! exclamaram todos admirados.

—Sim, disse Clara, noto agora que o Snr. Raul está ferido.

E Raul, ajudado por D. Miguel, narrou o incidente, todas as peripecias do desastre que o victimaria, si não tivesse por companheiros aquelles dois homens que, além de musculosos, eram de uma coragem e sangue-frio admiraveis.

O sr. Kugel ouvia a narração com terror.

—Bem fizemos nós em não deixarmos papá subir a ingreme montanha, disse Clara, dirigindo-se á sua irmã.

Raul, depois de remunerar seus salvadores com generosidade, despedio-se d'elles, fazendo protestos de eterno reconhecimento.

Uma hora depois estavam os viajantes a bordo do transatlantico que, á meia noite, suspendia o ferro, revolvendo as águas da bahia com as suas possantes helices.

Decorridos quatro dias—passava o vapor o estreito de Gibraltar, a que os antigos chamavam *columna de Hercules*.

Aos olhos dos viajantes estendia-se além, calmo e sereno, o poetic Mediterraneo.....

C. TAVEIRA

(Continua)

Realisou-se hontem, com toda a pompa, na igreja matriz desta cidade, a festividade de N. S. das Dôres.

Foi reeleita a directoria do Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina.

Anda pelas ruas da cidade, quasi em completa nudez, um pobre louco, vindo da Enseada de Brito.

—Sim! acudiu Magdalena, illuminada por um raio do sol da sua juventude, que lhe fugentou do rosto as nuvens; e zangavas-te comigo, porque eu não sabia dizer a tempo:

Mitaste me ti, senhora,
Que outro ninguem não podia.

—Ai! que raiva! exclamou Leonor, rindo-as gargalhadas; tu nunca acertav's!

—E tão, se eu errava p' quenina! Era preciso que o mamã viesse accomodar-nos.

—A ti, qui tu é que eras traquinhas!

—Ora essa! e a tu bem, que eu bem me lembro da manã te dizer: «Olha, Leonor, és já uma mulherziua e pareces mais creuça que tua irmã!»

E ambas, todas risinhos, saculiram as cibecinhas, como o puxo sacole as azitas d'pois da chuva, para expulsarem os pensamentos que as tinham entristeido, e, já esquecidas dos seus lamento, graciam a essa força de vida, que a juventude tem, e com que reage sempre contra os desfostos que a assaltam, sorriam se um para a outra e sentaram-se a mesa a pouco distânci d'janella.

—Com que te is um noivo? perguntou Magdalena.

—Como o sabes? tornou Leonor, rindo.

(Continua)

Rabiscos



Com respeito e acatamento apresento «eus cumprimentos ás leitoras deste hebdomadario.

E si o faço, ó amabilissimas leitoras, ostentando o meu volumoso abdomen, enfiado na minha casquinha um tanto fóra da moda, com o meu *cartolame* antidiuviano, e de bengala em punho—é para cumprir uma ordem do chefe cá de casa, que hoje está disposto a fazer barretadas... com o meu chapéu.

—Sr. Turibio—me disse elle—encadearne-se de novo e vá visitar as nossas estimadissimas leitoras, que n's tem dirigidio amicissimos cumprimentos, que até esta data ainda não foram retribuidos.

E eu, que costumo cumprir á risca as ordens que recebo, cis-me aqui de ponto em branco, perante vós, ó queridinhas leitoras, prompto para o que dizer e vir.

Apezar de já ter dobrado o cabo, tendo por consequente alguns pares de invernos sobre os costas, não acham as minhas sympathicas leitoras, que eu ainda tenho uma prosopopeia *sui generis*?

E declaro, sem receio de errar, que apesar de velho, ainda sei fazer o meu rapa-pé, como qualquer rapaz; e si me sentisse ferido pelas setas de Cupido, apaixonando-me por alguma das minhas amabilissimas leitoras, garantir que não faria papel triste, oh! isto não!

Ainda sei escolher palavrinhas assucaradas, ditinhos doces e etc. e tal.

E' verdade que ha quem com a minha idade ande triste, soturnatico, parecendo já não ser deste mundo; mas cá com o *déjá* não acontece assim.

A minha prosopopeia mesmo o indica.

Até n'esso em mim nulla ha postigo: tudo que possuo é natural.

E quando me lembro do que sucedeu ao meu velho amigo Malaquias, que Deus haja—mais me convenço de que nada se perde apresentando-se tal qual si é.

Cenheceram o Malaquias?

Era um homem de mais de sessenta e cinco annos. Alto, gordo, moçoso como o jambô.

Apezar da idade tinha cabellos negros como a aza do corvo, uma dentadura alvissima, que causava inveja a muita gente.

Mas tudo era postigo!...

Como o amor não é partilha somente dos moços, um dia o meu amigo notou que o coração batia-lhe descompadadamente ao avistar uma encantadora menina de desoito annos, que era sua vizinha.

Era o amor que por aquella forma se manifestava. Ano a, de facto, e foi correspondido.

Levava dias inteiros á janella, olhando para a vizinha, que lhe retribuia os olhares, bichinhos e etc.

Fazia o papelão que todo o velho faz quando quer casar.

Um dia pediu-a em casamento.

Homem serio, bem arranjado, era um casamento.

O pedido foi aceito, e dahi a meses o Malaquias ligou-se pelos indissoluvels laços do matrimônio á sua interessante vizinha.

Na noite do casamento, depois dos cumprimentos, de votos de felicidade, e de comerem doces e beberem champagne e cerveja, os convidados retiram-se.

O Malaquias que até então esquecera-se de que era velho, que os cabellos e dentes eram postigos, sentiu uns calefrios lembrando-se de que a sua jovem cara metade podia desgostar-se, cahindo na realidade. Como evitar-lhe tal desgosto?

Lembrou-se então tirar os postigos depois de deitado e do quarto estar ás escuras.

E assim o fez.

Alta noite é elle despertado por umas sacudidelas, e ouve a sua esposa dizer-lhe:

—O homem, que maneira é esta de dormir?

—Como? Que dizes? Por acaso estarei deitado torto? perguntou elle espantado.

—Ainda o queres negar? Pois em vez da cabeça não collocaste sobre o travesseiro a *caixa do teatro*? inquire nervosa a ex-visinla do Malaquias; e acto continuo levanta-se e acende a vela.

Mas, oh! horror! ao ver sobre o *bidon* a cabellera e a dentadura, e reparando na cabeça pellada do marido, que surgia dentre os lençoes, quer correr, mais faltam-lhe as forças, e ella cahe desmaia-das sobre o tapete, soltando um grande grito!

O marido levanta-se atrapalhado e acode a essa, que felizmente dentro em pouco tempo torna a si. O Malaquias porém, ao levantar-se esquecerase de tapar a calva com a cabellera, de sorte que apanhou uma forte constipação, que o levou á sepultura dias depois!...

Nada se lucra, portanto, querendo engaspar o proximo com os tais postigos, que tarde ou cedo redundam em prejuizo.

E quem não quer saber dos ditos, para não fazer figura triste e morrer de um resfraimento é o vigoroso

Turibio.

ARCHIMEDES LUZ

Por telegramma recebido de S. Francisco, tivemos a dolorosa noticia de ter falecido naquelle porto o nosso joven conterraneo guarda-marinha Archimedes Luz e Silva, filho do illustre catharinense Elyseu Guilherme da Silva.

O inditoso joven, que servia no transporte «Commandante Freitas», achava-se de quarto ás 11 1/2 horas da noite de 20 do corrente quando cahio ao mar.

Foram baldados todos os esforços empregados para salvá-lo.

Ao coronel Elyseu Guilherme e á sua exma. familia, assim como ao nosso amigo Heitor Luz, o «Sul-American» envia sinceras condolencias.

Falleceu hontem nesta capital o conhecido trabalhador João Fernandes Capella.

Manifestação

Não podia ser mais explendida nem mais significativa a recepção feita ao exmo. sr. dr. Lauro Müller, que chegou hontem da capital da Republica.

O povo, afliundo ao caes, desde bem cedo ahí estacionou, esperando o desembarque do illustre patrício.

Todas as embarcações surtas no porto embandeiraram em arco.

A praça 15 de Novembro preparada com gosto, apresentava lindo aspecto

Quando o vapor, que conduzia o illustrado senador desponente no Estreito—de todos os pontos do littoral subiram aos ares milhares de foguetes.

Desembarcado o illustre conterraneo—organisou-se o prestito, formado de quasi todas as associações da capital.

Imponente!

Todas as classes sociaes se fizeram representar, fallando em nome da commissão promotora dos festejos o nosso illustre collaborador sr. Wenceslao Bueno de Gouveia.

O prestito contornando a praça 15 de Novembro, parou em frente ao Hotel Brazil, fallando nessa occasião o dr. Lauro Müller que, bastante emocionado, agradeceu a manifestação de que era alvo.

Às 6 horas da tarde realizou-se na egreja matriz solemne *Te Deum*, a que sua exa. assistio. O templo regigava.

À noite houve deslumbrante iluminação no jardim Almirante Gonçalves.

A pedido do dr. Lauro Muller foram interrompidos os festejos, devido a morte do inditoso guarda marinha Archimedes Luz.

Em S. Francisco tambem foi feita ao illustre patrício, p'rnposta manifestação.

Por essa occasião foi executada pela banda de muzica «Treze de Maio» nma marcha que tem o nome de Lauro Muller, e que será tocada domingo proximo peia musica do Corpo de Segurança.

PARNASO

MOTE

*A Liberdade é a vida,
a morte, a Escravidão!*

GLOSAS

Na matta verde e florida
o passarinho contente
diz no seu canto inocente :
a Liberdade é a vida!

Mas preso em linda gaiola,
escravo—nada o consola,
nem hervas, fructos, bom grão;
e morre alfin de saudade:
pois a vida—é a Liberdade,
a morte, a Escravidão!

Brasilia Silva

Para a aveinha que lida
na construcção de seu ninho
em delicado raminho,
a Liberdade é a vida.
Mas, se má e traiçoeira
mão fal-a prisneira
e colloca-a em vil prisão,
ella prefere mil vezes,
a soffrer duros reveses,
a morte á Escravidão.

Maria.

Tens a tua fronte erguida,
no rosto o prazer se le,
e tudo isto porque
a liberdade é a vida.
E si a vida é liberdade,
attende, meiga deidade,
tu não queiras amar, não;
porque te digo, creança,
a vida é livre folgança,
a morte, a escravidão.

Dante.

A nação envilecida
Pela tyrannia fera,
Não gosa de vida vera:
A liberdade é a vida.
Si tão só tem vida o forte,
E' claro que só tem morte
Quem 'sta sujeito ao grilhão :
E', pois, uma sã verdade
Ser a vida a liberdade,
A morte, a escravidão.

A. P.

Para o proximo numero temos o seguinte

MOTE

*Nos quadros da natureza
busca o rato inspirações!*



GUARDA MARINHA

Archimedes Luz e Silva

Elyseu Guilherme da Silva e familia convidam a todos os parentes e amigos do seu inditoso filho, guarda marinha

ARCHIMEDES LUZ E SILVA
victima do fatal desstre de 20 do corrente e no perto de S. Francisco, para assistirem a missa que por alma do mesmo mandam rezar quarta-feira, 24 do corrente, na igreja Matriz, ás 8 horas.